

Revitalização do restaurante do Centenário pode custar R\$ 500 mil

A pedido do gabinete do Vereador Gustavo Oliveira (PP) a Câmara de Vereadores realizou uma reunião com a secretaria de Indústria, Comércio e Turismo para discutir um plano de ação que possibilite a volta do restaurante no Parque Centenário. Fechado há alguns anos o espaço abrigou, por último, a Biblioteca Pública Hélio Alves de Oliveira.

Redação

“É uma demanda que desde o início tentamos que volte a funcionar de forma adequada. A comunidade tem nos cobrado sobre este assunto.



Local pode ser revitalizado

Gabinete de Crise funcionou no Bairro Aeroclube

Montenegro - O forte temporal ocorrido na tarde de quinta-feira, 25, deixou marcas de destruição em dezenas de residências de Montenegro. De acordo com a Defesa Civil, 85 casas tiveram registro de destelhamento, 12 delas com perda total. Os bairros Aeroclube e Estação foram os mais atingidos. Logo após os fortes ventos, equipes de diversos setores da prefeitura estiveram nos locais afetados prestando assistência. Um gabinete de crise foi

montado junto ao bairro Aeroclube, na Estrada Cylon Rosa, ao lado de um posto de combustíveis. Durante o fim de semana, os atendimentos foram prestados à comunidade. Um relatório foi montado para envio ao Governo do Estado. O catador Luis Paulo de Lara passou a manhã juntando o pouco que restou de sua casa, no Bairro Estação. Com o destelhamento total, a chuva e os ventos invadiram todas as peças, em um cenário desolador. No Bairro Ae-

roclube, a manicure Cristina de Araújo de Ávila secava móveis e o piso, encharcados após a casa destelhar. “Pensei que iríamos morrer. Ficamos muito assustados”, relata a manicure. Segundo o Secretário de Habitação, Desenvolvimento Social e Cidadania, Luis Fernando Ferreira, a prefeitura já disponibilizou areia, cimento e 400 metros de lona para as famílias que tiveram casas com destelhamento. Mas a maior necessidade do momento são telhas. O

secretário pede para que pessoas e empresas que possam doar telhas, procurem a Prefeitura pelos telefones 51 99459 4755 ou 51 99616 0163. O Vice-prefeito Cristiano Braatz visitou casas e acompanhou os trabalhos nesta manhã. “Nossas equipes estão nas ruas e com este Gabinete de Crise, vamos prestar todos os atendimentos necessários”, disse Cristiano. (Foto:Acom) **LEGENDA** Luis Fernando e Carlos Ferrão no gabinete

Queremos saber quais ações o Executivo tem em relação ao prédio”, destacou o legislador. O restaurante do Parque está nas responsabilidades da SMIC e, no início desta gestão, ficou definido que seria feita uma reforma no Centenário. “Estamos aguardando este projeto. E já foram feitos alguns investimentos no local. Mas, agora, a ideia é de que não se espere toda a revitalização para se fazer a concessão de uso do prédio do restaurante para a iniciativa privada”, ressaltou o secretário, responsável pela SMIC, Waldir João Kleber. Antes que isso aconteça vão ser necessários alguns reparos no prédio que, segundo

levantando da Secretaria de Gestão e Planejamento de Montenegro, devem custar em torno de R\$ 300 mil e R\$ 500 mil para que o prédio esteja em condições de funcionamento. “O que se poderia fazer é uma concorrência para que o investidor, que queira explorar o espaço, faça as melhorias e, em troca, receba incentivos”, frisou Kleber. As parcerias público-privadas é uma das bandeiras levantadas pelo vereador Gustavo Oliveira para o uso e conservação de alguns espaços públicos. “Nós acreditamos que, para o restaurante voltar a funcionar vai ser necessária uma parceria”. (Foto: Acom Câmara)



Luis Fernando e Carlos Ferrão no gabinete



OLAVO DE CARVALHO

Mergulho no ridículo

Se uma coisa o século XX demonstrou, é que o impulso dos intelectuais ativistas para aviltar a própria inteligência a serviço do esquerdismo não tem limites. Ao longo das décadas, acadêmicos, escritores, poetas e filósofos foram aplaudindo sucessivamente Lênin, Stálin, Mao Tsé-tung, Fidel Castro, Ho Chi Minh e Pol-Pot, sempre com aquele ar de infinita superioridade, sempre legitimando com belas palavras o emprego da violência e da fraude, sempre vituperando todas as denúncias anticomunistas como calúnias do imperialismo, e sempre se recusando, depois, a assumir qualquer parcela de culpa quando provados enfim os crimes que seus ídolos haviam praticado.

Cem milhões de vítimas de sucessivos genocídios esquerdistas são, em essência, o resultado das palavras levianas dos Romain Rollands, Sartres, Merleau-Pontys, Chomskys, Sontags e tutti i quanti.

Direi que foi uma tragédia? Claro que não. A lei básica da tragédia é a inocência essencial do protagonista, colhido nas malhas de um destino mau. Os intelectuais ativistas não foram vítimas de um erro inocente: foram autores de uma farsa monstruosa, levados por sua consciência deformada e torpe a arriscar vidas alheias no enredo louco de ficções sangrentas.

O Brasil, até hoje, escapou quase ileso a essa novela macabra. Ficou longe do socialismo, tão longe que as novas

gerações ignoram por completo a história desse regime e, dele, só conhecem o nome, envolto, graças ao esquecimento geral, numa auréola de belezas platônicas, incontaminadas de experiência histórica.

Parece que esses dias de inocência estão no fim. Pelo menos se depender de intelectuais ativistas, entraremos de corpo e alma no socialismo, abraçando com desvaivada esperança a ilusão que povos mais experientes já rejeitaram com horror.

Se, para esse fim, tiverem de naufragar no mais fundo abismo da tolice, da mentira e do ridículo, essas criaturas mergulharão nele com feroz alegria, mandando às favas os últimos escrúpulos de seriedade intelectual.

Na sua ânsia de eleger o candidato petista, o acadêmico Raymundo Faoro, por exemplo, se presta a fazer (a “O Globo” de 10 de setembro) declarações que bastariam para reprová-lo num exame do curso ginásial.

Dou quatro amostras, colhidas a esmo:

Primeira: “No Império, muitos homens do povo chegaram alto, como Machado de Assis, que tinha menos instrução do que Lula.” Bem, Machado de Assis, imberbe, já sabia francês, inglês, italiano e latim. Depois aprendeu alemão. Às vésperas de morrer estava estudando grego. Resta saber quando o homem mais instruído que ele vai começar a estudar português.

Segunda: “A República não teve lugar para seus intelectuais, seus homens do povo e seus artistas. O Segundo Reinado foi melhor do que a República. Havia lugar para negros, por exemplo. Lima Barreto foi protegido.” O problema é o seguinte: Lima Barreto nasceu em 1881.

Que proteção oficial pode ter recebido, como escritor, até os oito anos de idade?

Terceira: “Ruy Barbosa era um construtor de utopias. Sua última utopia era um país onde não haveria mais Visconde de Cairu dizendo besteira. O Visconde dizia que o exemplo que o Brasil deveria seguir era o americano. Talvez o liberalismo brasileiro tenha vivido tanto tempo porque está assentado sobre a ignorância.” Dizendo besteira, assentado sobre a ignorância, está o dr. Raymundo Faoro. O maior entusiasta da Constituição americana, adotada como modelo da nossa, foi Ruy Barbosa.

Quarta: “Serviços essenciais têm que ser do Estado. Telefone, por exemplo. Há milhares de telefones agora, mas o povo não tem como pagar.” Pergunto-me apenas se o dr. Faoro é tão jovem que não tenha conhecido o preço dos telefones quando eram monopólio do Estado ou tão senil que já não consiga recordá-lo.

Não espanta que, com essa inteligência, o acadêmico, cuja carreira literária consistiu em escrever um belo livro na juventude e em dedicar o resto dos seus dias a estragá-lo com remanejamentos pedantes, já tenha escolhido seu candidato não apenas à presidência da República, mas à próxima vaga na Academia, ambos na pessoa... do sr. Luís Inácio Lula da Silva.

Nisso, aliás, tem todo o meu apoio. Não resta dúvida de que, com o nível de debates que se pode esperar de acadêmicos como o dr. Faoro, o sr. Luís Inácio, metido num fardão, estará no lugar que lhe cabe.

Publicado na edição de 12 de Setembro de 2002 do Jornal da Tarde